

Maior hospital público de SE está agonizando

No João Alves, os problemas vão desde superlotação, falta de medicamentos e macas e médicos pedindo desligamento

Juliana Moura

Superlotação, falta de medicamentos, de materiais básicos e de macas, médicos pedindo desligamento da unidade devido à sobrecarga de trabalho, acomodações irregulares, e demora no atendimento aos pacientes e na realização de exames. Segundo relatos, esse é o atual retrato do Hospital Governador João Alves Filho (HGJAF), que, por causa dos diversos problemas que se arrastam há meses, está agonizando. Para se ter uma ideia da gravidade da situação, a unidade já foi e continua sendo alvo de ações ajuizadas pelo Ministério Público Estadual (MPE), por exemplo, e de denúncias feitas pelo Conselho Regional de Medicina do Estado de Sergipe (Cremese).

De acordo com João Augusto, presidente do Sindicato dos Médicos de Sergipe (Sindimed) os problemas da unidade vão desde a falha no abastecimento do hospital à falta de macas. E ele diz que o resultado só poderia ser um: população cada vez mais revoltada e insatisfeita com o atendimento do hospital.

“Infelizmente, a realidade do hospital é muito triste e a população tem sofrido com a assistência dada pela unidade. Faltam medicamentos, principalmente, no setor de oncologia, materiais básicos e até película para o raio-X. Como é que deixam faltar remédio no maior hospital público do estado? Um paciente que está internado, por exemplo, e que precisa ser medicado durante cinco dias, só toma remédio dois dias porque para o resto não tem. Dizem que o hospital está abastecido, mas na verdade ele não está”, disse.

Além disso, segundo o presidente do Sindimed, outro grande problema é a ausência de determinados equipamentos ou o defeito contínuo de alguns. “A radioterapia da oncologia mesmo funciona às vezes e outras não porque normalmente o equipamento está quebrado. Ou uma pessoa que chega ao hospital com um trauma, por exemplo, é atendida logo se for urgência, mas se ela tiver uma fratura para ser resolvida em segundo plano, ela será estabilizada, porém vai aguardar meses para fazer uma cirurgia porque nunca tem vaga

ou não tem equipamento”, conta.

E, de fato, as irregularidades do hospital são tão frequentes, que, de acordo com João Augusto, até as acomodações para os pacientes são desumanas. “A situação é tão crítica que os pacientes trocam de roupa um na frente do outro sem nenhum respeito à privacidade. Vi há poucos dias uma pessoa que estava internada na unidade ter a sua fralda geriátrica trocada na frente de homens e de outras mulheres. Nem o isolador foi colocado para dar um pouco de privacidade porque não tinha nenhum. E pra completar, a fralda foi trocada por uma pessoa da família porque não tinha auxiliar disponível no momento e a maca em que a paciente estava não era a adequada”, disse.

Um paciente que passou, recentemente, por uma difícil situação no HGJAF foi o motociclista Carlson dos Santos. Ele sofreu um acidente de moto e foi encaminhado ao hospital. Após algumas horas, ele foi atendido e foi verificado que ele precisaria ser submetido a uma cirurgia no fêmur. No entanto, segundo ele, o procedimento cirúrgico demorou quase dois meses para ser realizado.

“Fui estabilizado, mas fiquei internado porque precisava fazer uma cirurgia. Marcaram para quase 15 dias depois e na primeira vez foi desmarcada porque não tinha vaga na sala de cirurgia. Outra vez desmarcaram

porque faltou um material. Só sei que esperei praticamente dois meses para a realização da cirurgia e só consegui porque minha mãe cansou da demora e foi à direção do hospital reclamar. Só depois de alguns dias fizeram a cirurgia. Eu e minha família sofremos muito durante esse período e digo que o atendimento no hospital vai de mal a pior”, conta.

Já a diarista Fabiana Costa afirma que passou dias de terror com sua tia no hospital. De acordo com ela, sua tia, que é diabética, passou mal na cidade de Japarutuba e foi encaminhada ao João Alves. Ao chegar lá, por não ter vaga, sua tia ficou quase dois dias sendo atendida numa maca no corredor. “Foram os piores dias da minha vida porque via a minha tia sofrendo e eu não podia fazer nada. Colocaram ela numa maca que estava no corredor, e o atendimento durante dois dias foi ali mesmo. Diziam que não tinha vaga e que era melhor ficar no corredor do que não ter a assistência médica. Isso é um desrespeito ao ser humano”, declara.

• Relatório

No mês de junho deste ano, o Cremese elaborou um relatório onde constam diversas irregularidades encontradas no hospital durante inspeções realizadas. E os problemas não foram poucos. A superlotação, equipamentos danificados e pacientes internados em salas cirúrgicas foram

apenas alguns deles. Apesar de terem se passado seis meses da conclusão deste documento, o presidente do Sindimed disse que, praticamente, a situação continua a mesma.

“A realidade é que o Cremese

elaborou o relatório e de lá para cá não houve mudanças significativas no funcionamento do hospital. A maioria dos problemas persiste e se for feita mais uma vistoria as irregularidades serão mais uma vez constatadas. E além

das questões físicas, a tendência é a assistência ficar ainda mais prejudicada porque os médicos estão se afastando do João Alves. Muitos não querem exercer a atividade lá por causa da sobrecarga de trabalho. E isso é um agravante. O médico fica angustiado porque ele vê que o paciente precisa de tal coisa e não tem, mas quem sofre mesmo as consequências é a população”, afirma.

Por falar em sofrimento, a aposentada Maristela Santana foi uma das que sofreu as consequências da crise do hospital. Segundo ela que é portadora de câncer, a sua cirurgia para retirada do tumor demorou meses para ser realizada. “Descobri que tinha câncer e o médico recomendou a cirurgia. Como não tenho plano de saúde, tive que ir ao hospital público. Fiz uns exames e esperei quase cinco meses para ser submetida ao procedimento porque diziam que não tinha vaga. A cada dia eu ficava mais angustiada porque sabia que tinha que passar pela cirurgia, mas não conseguia. Enquanto isso, a doença se agravava ainda mais. Foi uma luta e eu sofri muito” relata.

E, como para tudo tem uma explicação, para os problemas existentes do HGJAF não seria diferente. Para João Augusto, tudo que está acontecendo no João Alves é consequência da superlotação da unidade. “A questão é que muita gente vem



**PORTADORA DE
CÂNCER DIZ QUE A
CIRURGIA PARA
RETIRADA DO TUMOR
DEMOROU MESES
PARA SER REALIZADA**

do interior e também de outros estados para serem atendidas na unidade. Se os hospitais regionais funcionassem, a demanda para o João Alves, com certeza, diminuiria. Mas acontece o contrário. Quando uma pessoa passa mal no interior ela logo é encaminhada para o maior hospital do estado. Aí, a superlotação acaba prejudicando vários setores e serviços”, explica.

Ele ressalta ainda que nos últimos meses o funcionamento das Unidades de Pronto Atendimento (UPA) de Aracaju caiu, o que tem contribuído também para a superlotação no HGJAF. “Não podemos dizer que a culpa pela superlotação é somente de Aracaju. Não é. Mas as UPAS em ficado com as escalas incompletas e o funcionamento caiu consideravelmente. Então, as pessoas também estão migrando ainda mais para o João Alves. Essa questão das UPAS contribui para o agravamento da superlotação, mas elas não são os únicos fatores para essa situação. Enquanto não colocarem os hospitais regionais para funcionarem todos os dias, a demanda excessiva do João Alves não diminuirá”, declara.

• Fundação

Contraopondo ao que foi dito pelo presidente do Sindicato, segundo Wagner Andrade, diretor operacional da Fundação Hospitalar de Saúde (FHS) as regionais estão funcionando e a superlotação do HGJAF se dá por causa da falta de atenção básica nas UPAS.

“Os hospitais regionais têm funcionando sim e a superlotação do hospital é principalmente nas alas azul e verde, onde ficam pacientes que deveriam receber assistência em postos de saúde do município e nas UPAS porque não são de alta complexidade, ao invés de ser no João Alves. Ou seja, hoje, a superlotação do hospital é de casos que não deveriam estar lá e nem nas regionais”, declara.

O diretor diz ainda que, de fato, a superlotação tem prejudicado o atendimento e diversos setores do hospital. “Quando se programa atendimento para cem pessoas e se recebe 200, claro que os gastos com medicamentos e materiais, por exemplo, serão maiores e os atendimentos não sairão como deveriam. Se o planejamento é para gastar dois mil pares de luvas por mês e se gasta cinco mil por causa da demanda, pode acontecer uma eventual falta de abastecimento. A Fundação repõe medicamentos e materiais básicos, mas a superlotação faz com o que se gaste mais em tudo. Porém, nos últimos meses, não temos recebido denúncias de falta de remédios”, informa.

Já quanto ao relatório elaborado pelo Cremese em junho deste ano, Wagner Andrade afirma que estão sendo feitas adequações e reformas na estrutura do hospital. “Firmamos um termo de ajuste de gestão com o Tribunal de Contas do Estado e estamos fazendo melhorias na unidade. No entanto, enquanto não se fizer um esforço conjunto para mudar a superlotação do hospital, a demanda excessiva continuará. É preciso colocar as UPAS que dão atenção básica para funcionar. Só assim conseguiremos diminuir o número de pessoas que são encaminhadas ao João Alves e que não deveriam ir para lá”, declara.